



CHLOE GONG

OPERAÇÃO COLDWIRE

SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Armas

Conteúdo militar

Despersonalização

Epidemia

Guerra

Morte

Violência

Xenofobia e racismo



Para Owen...

*por o «tenho esta ideia para um romance cyberpunk»
ter despertado tamanha conversa no nosso primeiro encontro
e por todas as outras conversas desde então.*

amo-te!

1

EIRALE

Às dez para a meia-noite, os bots de contenção explodem por todo o quarteirão.

As nossas cordas estremecem, cada arnês suspenso resiste ao impacto das ondas de choque que serpenteiam pela fachada do arranha-céus, mas mantemo-nos pacientemente firmes, 20 andares acima do solo. Quando os manifestantes correrem na nossa direção, o gás lacrimogéneo já se terá dissipado por completo com as explosões, tal como planeámos na base. Não nos irão ver.

— Unidade de captura, preparem-se.

Os protestos anti-NileCorp são um cenário comum nas avenidas principais da Cidade de Button. Quando se tornam demasiado caóticos, a NileCorp envia os seus bots de contenção em nome do governo atahuano, que chegam sempre mais rápido do que a polícia local. A Cidade de Button tem mais armazéns da NileCorp por metro quadrado do que qualquer outro sítio no mundo. Haverá sempre alguma coisa pronta para intervir, seja qual for o distúrbio.

Testo a minha corda. A tensão alivia o suficiente para, com cuidado, dar dois passos ao longo do vidro vertical, antes de lançar um olhar por cima do ombro, para as figuras que correm em pânico lá em baixo. Acho que se ouvem gritos ao longe. É difícil dizer. O capacete do meu fato faz o possível por bloquear ruídos desnecessários.

— Mint, fica de olho nas câmaras de vigilância. — O meu auricular continua a transmitir. — Eirale, avança para o rés do chão.

O protesto desta noite é composto por camionistas. Improvisaram uns cartazes ao saber da nova linha de camiões autodirigidos da NileCorp, que vai deixar dezenas de milhares sem trabalho, mas o sistema de recolha de dados da NileCorp pôs-lhes os planos a descoberto. Há um processo para acabar com um protesto de forma rápida e eficiente: os bots de contenção conduzem os dissidentes para um dos lados da estrada e lançam granadas de gás lacrimogénico que lhes retiram a visão durante algumas horas (ou alguns dias, no caso dos mais indisciplinados que os tentam enfrentar). Em menos de nada, a rua fica desimpedida, e os símbolos da resistência, copiados da internet, não passam de cartazes encharcados a desfazer-se nas poças do passeio. Normalmente, não há necessidade de envolver unidades como a nossa, de soldados corporativos.

Estamos reservados para contratações de alto nível. Como capturar anarquistas.

— Muito bem — declara a Teryn, satisfeita com a cobertura que temos. — Vamos.

Desencaixo o mosquetão e deixo a corda correr. O meu fato dispara um aviso estridente: estou a ir demasiado depressa, vou embater no cimento e devia considerar descer como deve ser. O ecrã diante dos meus olhos acende-se num tom vermelho, tentando calcular os danos do impacto.

Estico a corda de repente. O arnês prende-se com força; dou um safanão e paro subitamente, mesmo antes de as botas tocarem no chão. Não trabalho para a NileCorp há muito tempo. Atribuíram-me à base da Cidade de Button há seis meses. Enquanto todos os outros da minha turma que seguiram o caminho das forças privadas da NileCorp foram destacados logo após os exames finais e enviados para um país de baixo — onde podiam causar o caos no mundo real —, eu desperdicei três meses a recuperar. Ainda assim, todos aqueles anos de escola militar prepararam-me para ser rápida; mais rápida do que o próprio fato fornecido pela NileCorp, que tenta antecipar os meus movimentos. O vermelho desvanece-se. O visor do fato limpa-se quando desprendo o arnês.

O meu breve suspiro aquece o interior do capacete. Uma fila de painéis publicitários sincroniza-se ao longo da rua, mudando de anúncios da Eveline para um segmento noticioso. Mal consigo ver o Presidente

Sterling a subir ao púlpito, com a faixa das notícias a correr, em baixo, a anunciar **RELAÇÕES COM MEDALUO CADA VEZ MAIS DETERIORADAS — INCIDENTE NO MAR DO NORTE**, antes de o gás lacrimogénico me turvar a visão, fechando-se sobre a minha cabeça.

A tecnologia de infravermelhos é ativada pelo meu fato.

Tinha estado a escutar à socapa, momentos antes, nos dormitórios, quando a Teryn recebeu o briefing de emergência para esta missão. Ela ainda não se tinha afastado o suficiente pelo corredor quando atendeu a videochamada no seu dispositivo portátil. O protesto dos camionistas estava a formar-se na Sétima Avenida, a três quarteirões de distância. Os bots de contenção iriam empurrá-los intencionalmente na nossa direção e, depois, explodiriam, oferecendo convenientemente cobertura contra as câmaras de vigilância, apontadas para as entradas do nosso edifício-alvo. Desta forma, a NileCorp protegia-se de ter imagens das suas forças a invadir negócios civis: mais material para vender aos tabloides e mais munições para artigos de opinião a atacar o governo de Atahua e a sua dependência de contratantes militares privados.

— Todos os outros, sigam para as entradas que vos foram atribuídas. Desta vez, ele não vai escapar.

A gravilha estala sob os meus pés quando me viro. Contorno o exterior do arranha-céus, com o átrio imóvel do outro lado do vidro espesso. Os infravermelhos não mostram nada no caminho, pela entrada das traseiras. Segundo o registo oficial, o edifício pertence a um fundo de investimento, tendo sido abandonado por empresas abastadas que continuam a pagar renda, mas que já não operam no local. Um segurança pica o ponto durante o dia; depois, outro é subornado para cobrir o turno da noite, quando os clubes noturnos e estúdios de tatuagem e ringues de luta de cães ali montam atividade. Típico do país de baixo.

— Estou a postos — digo. A voz sai-me rouca. Não falo em voz alta desde que saímos da base. A Teryn transforma qualquer queixa num discurso motivacional e, se não estiver com disposição para a lengalenga do costume, aprendi a manter a boca fechada.

— Entra para as escadas — ordena a Teryn de imediato. — Aproxima-te do clube noturno.

Empurro a porta das traseiras, surpreendida por não estar trancada. No escuro, o meu fato alerta para movimento à direita, mas é apenas um fio de gás lacrimogénico a deslizar comigo para o interior do edifício, antes de fechar a porta de vidro e avançar, apressada, para o átrio principal. O espaço é completamente aberto: pilares degradados sustentam um teto branco e a receção é uma faixa de metal erguida por vigas de aço que brotam do chão revestido a mosaico. Dou uma vista de olhos rápida. Vazio. Dirijo-me para o corredor dos elevadores.

— Comandante. — A voz do Smith soa no meu auricular, chamando a atenção da Teryn. A nossa unidade está dividida a meio, entre os seis contratados. Há a Teryn, a Mint e eu. Recém-formadas. Sangue novo na base, empenhadas em fazer um bom trabalho, porque o nosso líder de equipa, o Wright, mete respeito. Os outros três não querem saber se o impressionam. São formados pela Academia Militar de Nile, têm mais dez anos do que nós, estão fartos do trabalho e anseiam por uma promoção que os ponha no comando. — Comandante — insiste o Smith. — As fechaduras estão partidas nas varandas do segundo piso.

— O quê? — exclama a Teryn.

Empurro a porta da escadaria. Está silenciosa... e ofuscantemente iluminada, banhada por um violeta intenso vindo das fitas de LED que sobem pelos quatro cantos.

O modo de infravermelhos do fato desliga-se automaticamente com o excesso de luz, mas continuo sem ver bem. Dou uma palmada na parte de trás para abrir o capacete. A porta da escadaria fecha-se atrás de mim.

— Estou a subir — comunico, empunhando a arma. — Nada aqui...

— Espera — interrompe a Mint pela linha de comunicação. — O nosso sistema de vigilância está a sofrer interferências.

Subo silenciosamente até ao segundo piso, o resto da minha frase esquecido. O clube noturno pode ser acedido pela entrada principal, por uma passarela suspensa, ou por uma entrada lateral, que conduz à escadaria do edifício. A Teryn e a Mint já entraram: a primeira, enquanto batedora de campo, e a segunda, para monitorizar as câmaras à sua volta. O Smith e a Buchanan estão a vigiar a passarela. A Penrose mantém-se

na plataforma do 35.º andar — de onde fizemos rappel —, como sniper de apoio. Sou a única posicionada aqui.

— Interferência de quê? — exige a Teryn.

— É uma interrupção de sinal — responde a Mint. Paro em frente à entrada do clube noturno, onde um leve murmúrio da música do outro lado faz vibrar as paredes à prova de som. Detenho-me, o aperto na arma a intensificar-se. A única entidade capaz de bloquear o nosso sinal é... — Alguém da federação deve estar no local.

— Porquê?

Ninguém responde à Teryn. O governo de Atahua delegou esta missão à NileCorp, contratando-nos para capturar o Nik Grant, em vez de envolver um departamento federal. Mas já tentámos duas missões de captura e falhámos ambas, por isso talvez estejam a perder a paciência.

— A federação só interfere nos sinais de vigilância quando tem alguma coisa em jogo — diz o Smith. Percebe-se o tom sarcástico na voz dele, mesmo através do sistema de comunicações. — Gostava de saber o quê.

O Wright tem estado afastado nas últimas semanas, devido a uma lesão. Em circunstâncias normais, se o anarquista mais procurado de Atahua entrasse na Cidade de Button nestas condições, a tarefa de mobilizar a equipa e de liderar a operação para o capturar seria atribuída a outra unidade da base, ou ao contratado da nossa unidade com mais antiguidade: o Smith. Em vez disso, deram-na à Teryn. À Teryn Moore, de 18 anos, sobrinha do James Moore, o CEO da NileCorp.

— Não saberemos até sabermos — decide a Teryn. Ou não percebeu a provocação do Smith ou escolheu ignorá-la. — Eirale, tens contacto visual?

— Negativo — respondo.

— Unidade de captura, avancem conforme o planeado. O nosso alvo está no edifício.

Eu e a Teryn andámos juntas na Academia Militar de Nile, embora a primeira vez que falei com ela tenha sido depois da formatura, quando me apresentei nos dormitórios da Cidade de Button. Ela era boa o suficiente para ser a melhor da turma (e, por isso, oradora da cerimónia de finalistas), mas nunca consegui associar essa reputação à soldado com

quem tenho trabalhado. Suponho que ela seja capaz. É rápida, inteligente, e todos os dias de manhã perde alguns segundos diante do espelho minúsculo dos dormitórios, a endireitar a gola do uniforme, por forma a garantir que o logótipo da NileCorp está bem polido ao centro do peito.

Também hesita no terreno e tende a perder o rumo e a desorientar a equipa nos momentos em que mais precisamos de foco e coesão. Se falharmos esta terceira tentativa de capturar o Nik Grant, os nossos empregos vão estar em risco. A Teryn, no entanto, ficará bem. Ninguém despede a própria sobrinha.

— Algum visual no interior? — pergunta o Smith.

— Negativo — responde a Teryn. — Mantenham todas as varandas seguras. Assim que começarmos a perseguição, ele não vai hesitar em saltar para a rua.

Bato com o pé no chão e o eco espalha-se pelo piso de pedra da escadaria. Não temos soldados suficientes no perímetro. A Penrose devia estar posicionada também na passarela. Ou devíamos ter juntado forças com outra unidade e redobrado os esforços, tendo em conta os fracassos anteriores.

O Nik Grant ganhou notoriedade pública pela primeira vez, depois de bombardear uma base militar fora da capital. Três mortos, incluindo um comandante... Mas, mais importante ainda, foram os danos que destruíram toda uma rede de vigilância. O governo andou às escuras, durante uma semana, a tentar encontrar o culpado, e deixou o Distrito de Melnova a operar às cegas, até os servidores serem reparados. A nação especulou ferozmente sobre a possibilidade de o ataque ter sido obra de Medaluo — um terrorista emergente entre os medanos, o grupo étnico que chama Atahua de lar. Alguém recrutado por causa dos laços de sangue, com o intuito de transformar a guerra fria numa guerra aberta. Até que um ataque idêntico atingiu uma base da NileCorp, eliminando uma equipa de contratados, e, em poucas horas, a NileCorp identificou o autor e divulgou uma imagem do seu rosto aos noticiários. Confirmou-se que era atahuaño, nascido e criado. Era improvável que fosse um agente de uma potência estrangeira inimiga, mas sim um anarquista doméstico. A NileCorp não divulgou logo o nome. Na verdade, os representantes recusaram-se a fazê-lo, o que levou à especulação de que seria um ex-contratado com

sede de vingança. Isso foi rapidamente posto de parte quando cederam e revelaram algumas informações biográficas: ele tinha apenas 17 anos.

Tendo em conta os ataques recentes, o Departamento Federal de Defesa de Atahua confiou às nossas forças de segurança a execução da justiça, anunciou a NileCorp num comunicado. Devido ao facto de o autor ser menor de idade, consideramos mais apropriado manter a sua identidade fora do escrutínio público. Por favor, reporte quaisquer avistamentos no site da NileCorp.

Nas filmagens seguintes, captadas pelas câmaras de reportagem em direto, o mesmo rapaz foi gravado a grafitar os escombros do local da explosão, e a terminar a última letra da sua mensagem — o MEU NOME É NIK GRANT, LOL — antes de desaparecer. Um claro desafio à NileCorp, por querer ocultar a sua identidade.

Com cada um dos seus ataques ao longo dos últimos meses, Nik Grant tornou-se uma figura maior do que a própria realidade. Os noticiários exibiam recorrentemente a sua cara para encorajar os atahuenses a denunciar qualquer informação sobre o seu paradeiro, e ainda hoje essa imagem é desconcertante.

Podia muito bem ter sido um dos meus colegas na academia: cabelo ligeiramente louro conforme a luz e expressão carregada de insolência, típica de um causador de problemas na sala de aula. Os meios de comunicação de Atahua lançam teoria atrás de teoria sobre que motivos o levam a querer destruir o seu próprio país — talvez um passado trágico como órfão, ou uma ascendência secreta ligada a um grupo extremista —, tudo para evitarem encarar a verdade mais provável: o Nik Grant odeia a NileCorp e está a fazer tudo o que pode para destruir a empresa. Tornou-se infame pelos seus slogans, todos de apoio a absurdas teorias da conspiração, mas que se espalham como fogo sempre que os grafita nos locais das explosões: A NILECORP MATA OS SEUS CRÍTICOS; A INDISPOSIÇÃO É REAL; DESLIGA-TE ANTES QUE PERCAS A CABEÇA.

— O Secretário da Defesa está aqui — declara a Mint, de repente. — Estou a vê-lo. Lá ao fundo, perto do bar.

— Hum — murmura a Teryn. Hesita. — Suponho que o deixamos a tratar dos seus assuntos. Provavelmente não tem nada que ver com a nossa missão.

Pelo menos a Teryn é excelente a dar respostas calmas e controladas. Qualquer outra pessoa teria perguntado que tipo de assuntos poderia ter o Chip Graham para tratar num clube noturno manhoso do país de baixo. Os contratados da NileCorp conhecem tão bem o rosto do nosso Secretário da Defesa quanto o do Presidente Sterling. Em tempos de guerra, o Presidente Sterling é quem se dirige à população; a nós calha-nos o Chip Graham. Oficialmente, até pode ser ele quem comanda as forças armadas de Atahua, mas, na prática, o exército tem tantas falhas estruturais, que o país nem notaria a diferença se ele desaparecesse amanhã. Não há necessidade de canalizar dinheiro para o exército quando existe a NileCorp precisamente para tapar todos esses buracos. Por isso, é à NileCorp — e não ao exército — que o Chip dá ordens e entrega as missões por toda uma linha coesa e organizada de soldados corporativos.

— Possível alvo avistado perto das mesas — reporta a Teryn. O seu tom muda, tornando-se mais aguçado, pronto para o combate.

— À espera do teu sinal — declara o Smith.

Passam alguns minutos. As palmas das minhas mãos suam sob as luvas. Ajusto o aperto na arma.

— Esqueçam — diz a Teryn, por fim. — É só um sósia. Já percorri o quadrante noroeste. Mint?

— Nada a sul até agora — responde a Mint. — As pessoas estão a mexer-se demasiado e não consigo confirmar se já observei todos os clientes.

Esse é o problema de tentar capturar um fugitivo num clube noturno.

— Estou a ver algum movimento nos escritórios do terceiro piso — acrescenta a Buchanan. — Alguma hipótese de ser o alvo?

— Impossível — responde o Smith, a voz ligeiramente abafada. Vira-se para falar diretamente com a Buchanan, afastando-se do microfone.

— A Ward está na escadaria. Tê-lo-ia visto passar.

Uma nova camada de suor escorre-me pelas costas. De facto, é praticamente impossível que ele me tenha passado despercebido. Só existe uma rota.

— Pode ter escalado a fachada — contrapõe a Buchanan.

— Se estivesse a subir pelo exterior — diz a Teryn —, já teria aproveitado para fugir, não para se aproximar do terceiro piso.

— Podia lá estar desde o início — diz a Mint. — Não seria a primeira vez que não conseguimos...

Um grito interrompe-lhe a frase, atravessando o canal de comunicação partilhado. Estremeço, levando a mão ao ouvido num movimento rápido. Deve ter vindo de alguém mesmo ao lado da Mint, para o microfone dela o ter captado. Mal tenho tempo de me preparar antes de a porta à minha frente se escancarar e uma multidão de clientes invadir a escadaria. Estão a ser canalizados a partir do corredor estreito junto à entrada lateral do clube, avançando num fluxo tão contínuo que as duas portas adjacentes nem se chegam a fechar atrás de ninguém. A barreira sonora do clube noturno rompe-se como se abrisse um rasgão. A música torna-se subitamente tão alta que parece palpável, com o baixo a pulsar ao longo da escadaria.

— O que é que se passa? — exige o Smith. — O que são esses gritos todos?

Mal me consigo mover, espremendo-me contra a parede para evitar a multidão que escoia pela porta de saída e desce a correr pelas escadas. Registo cada rosto que passa, numa tentativa de garantir que o Nik Grant não se está a escapar no meio do caos, mas a luz ultravioleta baralha-me a visão. Tudo tem um brilho estranho.

— Com licença!

Agarro uma rapariga ao acaso e travo-a. Ela tenta continuar, esticando o braço para uma amiga que segue mais à frente, mas não consegue libertar-se. O meu aperto é inquebrável.

— O que aconteceu? — exijo.

A música lá dentro continua a ribombar. Tenho de gritar para me fazer ouvir. Luzes estroboscópicas invadem a escadaria, rasgando os corpos como cordas de saltar fora de ritmo.

— Larga-me! — grita ela. Os três piercings na sobrancelha esquerda refletem a luz estroboscópica e o brilho quase que me cega. — Alguém disparou uma arma lá dentro!

Acabo por soltá-la. A minha arma continua apertada na outra mão, oculta junto ao corpo. A rapariga não perde tempo e desata a correr escadas abaixo. O resto da unidade continua a gritar instruções pelo auricular,

mas não ouço. Volto novamente a atenção para os clientes que passam por mim. Adolescentes com lenços amarrados ao rosto para o esconderem das câmaras de reconhecimento facial. Homens mais velhos de fato a serem conduzidos por seguranças pessoais. Uma empregada de mesa a sair pela porta, a virar imediatamente à direita e a subir as escadas. Não consigo distinguir mais pormenores por causa das luzes estroboscópicas. Mas não importa. Mais ninguém está a subir.

Atiro-me para a frente, abrindo caminho por entre a multidão.

— Estou a vê-lo! — anuncio. — Estou a vê-lo! Está na escadaria.

Mal os meus pés tocam nos degraus, subindo três de cada vez, o Nik Grant desata a correr. Sai disparado em direção ao céu, trocando a subtilidade pela velocidade. A Teryn exige que eu espere por ela. O Smith grita para eu indicar o piso, para ele bloquear a saída certa.

Um estrondo ecoa vindo de cima. Uma das portas da escadaria foi escancarada, batendo contra a parede. Estico o pescoço, arriscando olhar diretamente através do vão central da escada, e apanho o brilho inconfundível que denuncia a sua posição antes de a porta se fechar de novo.

— Quinto piso — informo. — Vão para o quinto piso!

Aproximo-me rapidamente. Há um momento de resistência quando tento puxar a porta — ele atou qualquer coisa à maçaneta —, mas volto a fazer força e rebento com o cordão de plástico com que deu um nó.

Vou dar a um corredor fantasmagórico. Os andares que não são usados pelos oportunistas do país de baixo mantêm-se praticamente iguais ao que eram, tal e qual como os donos os deixaram. São o que resta de escritórios abandonados, com caixas empilhadas ao longo das paredes e bolor a trepar pelas janelas altas.

Caminho com cuidado em direção às secretárias em espaço aberto, passando por cima do braço partido de uma cadeira e de um parafuso solto ao lado.

Ouço um rangido atrás de mim.

Volto-me num instante, levantando a arma.

— Alto.

O Nik Grant imobiliza-se. A luz é escassa na entrada do corredor, por isso não consigo decifrar a sua expressão. Está mergulhado nas sombras,



apenas metade do rosto visível sob os azuis e rosas intermitentes dos painéis publicitários na rua.

— Mãos ao ar — digo com firmeza.

As mãos dele permanecem onde estão. Inclina ligeiramente a cabeça.

— Tu outra vez.

Fui eu quem quase o apanhou na última tentativa de captura. Tinha-o encurralado, a poucos passos de distância, as algemas já preparadas, mas de alguma forma ele conseguiu ativar uma bomba de luz ofuscante. Quando voltei a abrir os olhos, já tinha desaparecido.

— Não tens para onde fugir — digo. — Põe as mãos no ar, ou tenho ordens para disparar.

— Sabes, nunca fez sentido para mim porque é que os Wards trabalham para a NileCorp — diz o Nik. O tom é leve, como se estivéssemos a fazer conversa de circunstância num autocarro. — Pode ser de lei inscreveres-te numa escola militar, mas não há nenhuma lei que diga que tens de continuar como soldado corporativo para saldar a tua dívida. Qual é a tua opinião?

Mantenho o braço firme. Não digo a pergunta em voz alta, mas...

— Sim, eu sei que és uma Ward — diz ele, respondendo na mesma.

— Eirale Ward. Pesquisei sobre ti.

— Vou dar-te três segundos — aviso.

Não é difícil ver um rosto medano em Atahua e presumir que se trata de um Ward. Quando a guerra fria entre Atahua e Medaluo começou, muitos medanos que viviam em Atahua decidiram fugir, em vez de serem tratados como inimigos. Durante séculos, houve uma presença significativa de imigrantes medanos em Atahua e, em poucos anos — à medida que as pessoas juntavam dinheiro para fugir para Cega ou para outra ilha nos Territórios Ocidentais —, o número reduziu drasticamente. Os que ficaram, ou tinham laços demasiado fortes para abandonar ou eram órfãos nascidos nesta guerra, sem mais nenhum sítio para onde ir. Wards do Estado, marcados como propriedade de Atahua até no nome.

O Nik Grant dá um passo em frente.

Disparo.

Ele evita a primeira bala, já em movimento fora da sua trajetória antes mesmo de eu puxar o gatilho. Apesar de tudo o que sei, apesar das

horas que passámos a ver imagens de vigilância do Nik Grant, na base, para nos prepararmos para o capturar, ainda fico surpreendida com a rapidez com que investe contra mim.

Evito cair com um impulso puramente instintivo, recuperando o equilíbrio no instante em que ele desfere um murro. Em vez de o bloquear e arriscar perder o ímpeto, desvio-me e tento recuperar a posição, endireitando o braço de tiro, mas ele prevê o meu movimento. Agarra-me o cotovelo, torce-o e, de repente, estou de peito contra a parede, com a arma presa atrás das costas e apontada para o céu. O meu fato solta um queixume num protesto de alarme.

— Diz-me, soldado — murmura o Nik Grant ao meu ouvido —, porque é que estiveste colocada em Kunlun no ano passado?

Quando os painéis publicitários lá fora se apagam, a escuridão no corredor torna-se total, sufocante. Não há explosão, mas o silêncio abrupto que se segue denuncia outra detonação. Uma bomba eletromagnética, algures no edifício, corta as vozes que me chegavam pelo auricular. A minha equipa já não me ouve.

Estou sozinha.

— Do que é que estás a falar? — exijo.

— É uma pergunta muito simples — declara ele. — Diz-me apenas porque estiveste colocada lá. Diz-me o que fizeste.

Levanto o pé para trás e dou-lhe um pontapé no joelho. Achava que isso ia bastar para me libertar, mas o Nik não me larga. Empurra o meu braço para cima, com força e na direção contrária ao ombro. Nessa explosão de agonia, deixo cair a arma.

— Eu... — O Nik bufa, irritado, e dá um pontapé na arma, fazendo-a deslizar pelo soalho — Li o teu dossiê. Vou saber se estiveres a mentir.

Dou uma cabeçada para trás. Ele solta um grunhido, a mão afrouxa e eu aproveito o momento para me virar, procurando a minha arma.

Sinto que ele está a permitir que eu passe ao ataque, agora que me desarmou. O corredor ilumina-se de repente com um tom esverdeado, refletindo o anúncio que volta à vida no painel publicitário no exterior. O auricular emite alguma estática e depois:

— *Eirale?* Eirale, responde...

— Já disse, quinto andar — sussurro com urgência. — Quinto andar, despachem-se...

O Nik Grant vai tentar fugir pelas janelas.

Percebo-o pela rotação do sapato esquerdo, pelo brilho nos olhos sob aquela luz verde pavorosa e pelo modo como fixa o olhar no vidro. No instante em que se lança para a frente, atiro-me a ele para o parar, chocando com o seu corpo e fazendo-nos cair aos dois no chão.

— Eles vão descartar-te, soldado.

Dou-lhe com o antebraço na clavícula. Ele para de se mexer. Ambos os braços ficam estendidos ao lado do corpo, bem à vista, imóveis.

— Não te mexas — ordeno.

— Vão usar-te e depois deitar-te fora. Se tiveres sorte, talvez te mandem para o país de cima primeiro. Nem vais dar por isso, quando fores espremida até não restar nada.

— Ótimo — atiro. — Pode ser que assim deixe de ter de ver as tuas malditas imagens vezes sem conta.

O Nik pestaneja.

— Auch.

O auricular continua a cuspir vozes sobrepostas. Finalmente, uso a mão livre para agarrar o microfone na gola do fato e grito:

— Já *disse*, quinto andar! — Mas os segundos passam e a Teryn continua a pedir a localização. Continuo isolada.

Mudo ligeiramente de posição. O Nik diz:

— Dificuldades em passar a mensagem?

O seu ombro contrai-se sob o meu braço. Só então reparo que ele também está a usar um auricular.

— Mudança de planos — diz. E não está a falar comigo. — Tenho aqui algo interessante.

— Desculpa?

Apercebo-me do truque tarde demais. Uma mancha escura aparece na palma da mão do Nik. Quando tento afastar-me, criar distância entre nós, já ele me colou aquilo ao pescoço.



Não estou inconsciente por muito tempo.

Dois minutos. Talvez três. Endireito-me num ápice, sentando-me ainda meio atordoadada.

Não saí do sítio. Ainda estou no quinto andar, os painéis publicitários continuam a lançar luz verde para o corredor e a janela está escancarada, a cortina rota a esvoaçar com o vento.

Merda.

Estremeço ao arrancar o adesivo do pescoço. As microagulhas na sua superfície vêm cobertas por um fino traço de sangue. Vou precisar de mandar verificar a ferida para garantir que o Nik Grant não me passou nenhuma doença.

— Conseguem ouvir-me?

A súbita cacofonia de respostas confirma que sim, estou de novo a transmitir através do canal de comunicação. Cambaleio ao levantar-me.

Não há hipótese de o Nik ainda estar ao alcance da vista, mas, ainda assim, corro até à janela. Tal como previa, desapareceu, mas arregalo os olhos ao ver oito, nove, *dez* carros pretos estacionados em torno do edifício.

— Eirale, onde te meteste...?

— Ele esteve aqui — apresso-me a dizer. — Fui atrás dele, no quinto andar. Já estou a descer.

Empurro a porta com o ombro e entro na escadaria. Está tudo em silêncio. Os LED's ultravioletas foram substituídos por uma luz branca vulgar e desagradável, mas que não me agride tanto os olhos enquanto faço a curva e passo pelo quarto e depois pelo terceiro andar. A Mint tenta falar para o microfone — «Querem-nos fora daqui. Houve uma ameaça» — e, ao mesmo tempo, está a falar com outra pessoa. Está a discutir com a federação. Gente do governo.

Chego de novo ao segundo andar, depois, percorro o corredor estreito. Dentro da discoteca, as luzes também se acenderam, agora com um branco-azulado a substituir os estroboscópios. Nem todos os clientes fugiram. Ainda há grupos encostados às paredes, a torcer as mãos nervosamente. Abro caminho entre eles, à procura da Mint ou da Teryn.

E então vejo o sangue.

— Não te aproximes!

De repente, estou na mira de dez espingardas, com os pontos vermelhos a dançar sobre o meu fato. O espaço parece mais pequeno do que os planos sugeriam — ou talvez seja a tinta negra descascada nas paredes que faz tudo parecer mais apertado. Recuo para a parte de trás da pista de dança, ao lado do bar. Para onde quer que olhe, há agentes federais. Empunham armas, comandam drones de vigilância, montam fitas de isolamento.

— O que é que se passa? — murmuro para o fato, esperando que a equipa me responda. Ergo as mãos para os lados, bem visíveis para os agentes. — Porque é que estão a apontar armas *a mim*?

— Eirale, aqui.

A resposta da Mint chega direta ao meu ouvido, num eco duplo; a sua voz vem mesmo dali ao lado. Desvio o olhar e apanho um vislumbre das suas tranças verdes por cima do ombro de um agente federal. Ela move-se até eu conseguir ver bem o seu rosto, os braços cruzados apertados ao redor do tronco. Inclina a cabeça, acenando para a esquerda, e sigo o rasto de sangue no chão até um banco.

O ar fica-me preso na garganta. Um homem está tombado sobre a mesa, a cara pressionada num ângulo estranho contra o metal. Pelo vermelho que se espalha à sua volta, escorrendo até ao chão, só posso imaginar que tem uma bala cravada no centro da testa.

— É o Chip Graham? — murmuro. Não quero mexer muito a boca. Não quero que os agentes federais percebam o que digo, mas as minhas mãos devem descer em choque porque os agentes imediatamente gritam para eu ficar quieta ou, caso contrário, disparam contra mim.

— Tenho estado a tentar dizer-lhes que estávamos atrás do Nik Grant esta noite e que foi *ele* quem fez isto — sussurra a Mint. — Mas as gravações já foram divulgadas no feed.

— Que gravações? — exijo. Os agentes começam a aproximar-se de mim. Um deles tira algemas. Não consigo perceber o que terá provocado esta reação, por que razão mantêm as espingardas apontadas a mim, até que a voz da Teryn corta o canal de comunicação, fria como gelo:

— Tu, Eirale. Há um vídeo teu a disparar contra o Secretário da Defesa.

2

LIA

Consigo perceber que o nosso quintal não é limpo há algum tempo porque o ramo partido do mês passado ainda está caído junto à vedação de estacas.

O vento da madrugada uiva contra a janela, fazendo vibrar os trincos. Os amanheceres do país de baixo já não trazem muita luz, não como aqueles que redesenharam no país de cima. Detesto o quão sombrio fica tudo a esta hora, como o mundo parece vazio. As sombras movem-se pela divisão como a névoa lá fora — densa e viscosa, carregada de peso. O pai diz para eu não me sentar na alcova por ser demasiado exposta, e a janela poder ser facilmente partida. A nossa casa fica no Estado de Haven, a norte do Estado de Button e a duas horas da Cidade de Button, onde, durante o dia, o céu está sempre com um tom vagamente castanho. Quando o vento acalma, consigo ouvir o nosso perímetro eletrificado: um zumbido baixo e constante que a Tamera jura que quase não se nota.

Nunca tivemos nenhum incidente na casa. A população em geral — apesar das constantes acusações de que o meu pai é um espião medano — não é parva, e sabe que ele não está aqui no país de baixo. O meu pai, como todos os outros senadores de Atahua, mantém o corpo físico no Distrito de Melnova, dentro de um escritório escondido e trancado no bem protegido Edifício do Capitólio. Nos seus dias de descanso, anda pelo Capitólio, a mandar vir café, entregue por robôs de serviço.

De qualquer forma, ninguém vai passar pela vedação. Nem nenhum saqueador, nem nenhum vagabundo à procura de um lugar quente para

se esconder. Suponho que haja a mínima hipótese de alguém aparecer só para atirar alguma coisa em sinal de protesto, mas é o único cenário em que vejo algum perigo. FILHA DO SENADOR ATINGIDA COM UM TIJOLO. Seria um título de notícia bastante patético. Afasto-me da janela.

A televisão na parede muda de segmento, começando as últimas notícias da Cidade de Button, em direto. Quando me inclino para trás para ouvir melhor, o meu cabelo resiste ao movimento, envolvendo-me os ombros como um xaile negro. Ao que parece, um funcionário do governo foi assassinado ontem à noite. Para começar, não dizem o que é que ele estava a fazer no país de baixo, nem onde corria o risco de ser assassinado. Também não mencionam que este tipo de assassinatos começa a acontecer cada vez com mais frequência, apesar das inúmeras iniciativas de segurança que a NileCorp lança em cada apresentação trimestral para «proteger Atahua». Antes de alguém poder pensar muito nos detalhes, os apresentadores passam para uma entrevista com o James Moore: uma já antiga que praticamente decorei de tanto ver, e aceno com a mão para silenciar a televisão.

— Lia, estás aí em cima?

— Sim — respondo. — Na alcova.

Os passos da Tamera aproximam-se do meu quarto. Ontem, assim que desliguei do país de cima, mantive-me ocupada: da passadeira para o remo, depois para a barra de tração que está instalada na minha porta. Agora, estou só impaciente para acabar as minhas vinte e quatro horas obrigatórias no país de baixo. Os utilizadores mensais das Cápsulas passam mais tempo no país de cima, mas precisamos sempre de regressar aqui — ao mundo real — para evitar que os nossos corpos se deteriore. A maioria da minha turma na academia faz isto em conjunto: no primeiro dia de cada mês, são todos libertados das suas Cápsulas nos dormitórios da Academia Militar Nile, para se poderem movimentar livremente pelo campus. E enquanto eles aproveitam para socializar, correr pela escola e descontraí-los o corpo, eu acordo aqui.

Por mais que resmungue e reclame, com medo de perder algum boato interessante enquanto estou ausente, sei que o pai só insiste em ter a minha Cápsula em casa, no Estado de Haven, para me manter segura.

Além da subida da criminalidade nas poucas grandes cidades que ainda existem, a nossa mera existência no mundo real é perigosa. Afinal, foi por isso que inventaram o país de cima. Há meio século, seria impensável imaginar como temos de viver agora. Quando a Tamera recorda a sua infância, havia céus azuis no mundo real e uma época de gripe leve que a derrubava, no máximo, por uns dois dias.

Depois, os mares começaram a invadir as costas, o próprio ar tornou-se cancerígeno, e as pandemias mutavam tão rápido que nos matavam antes sequer de nos conseguirmos vacinar. As fábricas recusavam-se a parar de lançar toxinas para a atmosfera e as megacorporações não desligavam as máquinas que consumiam a água potável. O que é que as pessoas podiam fazer?

Quando a NileCorp inventou o StrangeLoom, prometeu um servidor para cada nação. Replicaram virtualmente as suas ruas, até ao formato dos paralelepípedos, e as propriedades que alguém tivesse no «país de baixo» tornar-se-iam também suas no «país de cima». Já fiz um número ridículo de trabalhos sobre a famosa apresentação em que o James Moore introduziu esses termos ao mundo, fazendo uma pausa após pronunciar ambas as palavras, como se soubesse que estava a fazer história. O país de cima resolveu um problema sem precisar de corrigir o dano que estavam a causar. O planeta tentou começar uma guerra depois de décadas de tormento, e a NileCorp levou os seus combatentes civis embora. Agora, a maior parte da população mundial migrou para viver online e, embora esta existência seja tudo o que alguma vez conheci, as pessoas parecem, de facto, mais felizes por isso.

Dobro as mãos, observando a curva dos nós dos dedos, as linhas dos ossos a moverem-se e a esticarem-se. O meu dispositivo portátil já está a vibrar com atualizações no feed, publicações dos meus colegas que estão a regressar ao virtual. A Rayna prometeu recolher todas as fofocas do dia de reset e fazer-me o relato, o que vai tornar o almoço bem mais interessante.

A Tamera enfia a cabeça pela porta do meu quarto.

— Queres tomar o pequeno-almoço, querida?

— Estou bem. — O sistema de segurança apita num painel junto à televisão. Está a anunciar uma alteração da temperatura exterior, o que

pode significar que se aproxima uma tempestade de areia. Se já nunca tenho vontade de sair, as notificações insistentes do sistema da nossa casa só aumentam a minha repulsa. Provavelmente iria murchar como uma passa se pusesse o pé na rua. Uma passa radioativa.

— Tens a certeza? — insiste a Tamera.

— Tenho.

A Tamera põe as mãos na cintura.

— Comida a sério fazia-te bem.



Não tenho memórias da minha mãe adotiva porque era muito pequena quando ela morreu. A Tamera é a figura materna mais próxima que conheço — embora, tecnicamente, ela seja a minha tia-avó adotiva. Enquanto o pai está ocupado em Melnova, é a Tamera quem cuida de mim. Ela vive aqui, na casa do Estado de Haven, ficando por perto para o caso de a minha Cápsula precisar de manutenção enquanto estou lá dentro. Durante o dia, entra no país de cima como assinante diária, ajuda o pai no apartamento em Melnova e, quando é hora de descansar, volta cá para baixo, para dormir no mundo real.

Resmungo, lançando as pernas para fora da alcova.

— Mas, Tamera — resmungo —, não tenho fome nenhuma. Estou perigosamente sem fome. Na verdade, até posso vomitar se comer um bocadinho sequer.

Não é só teatro. Normalmente fico um pouco enjoada quando venho para o país de baixo, mesmo que o reset supostamente seja para refrescar. Quando volto para a Cápsula, a linha de nutrientes continua a alimentar-me. Gosto da linha de nutrientes. A maioria dos outros cadetes, como a Rayna, vai ao país de baixo muito mais do que o obrigatório para fazer exercício e alimentar os seus corpos reais. Dizem que nenhum treino no país de cima pode substituir o exercício físico no mundo real. Já eu estou convencida de que podia ficar ligada para sempre se o reset obrigatório não existisse. As Cápsulas foram feitas para nos aguentarem indefinidamente, desde que alguém mantenha a linha de nutrientes a funcionar, e o meu corpo nunca dá sinais de deterioração quando sou obrigada a fazer logout. Claramente, estou a aguentar-me bem sem descer com tanta frequência.

— Está bem, então — a Tamera olha para o relógio, esperando que a pulseira brilhe —, ainda tens uns 20 minutos antes de a tua Cápsula desbloquear. Faço-te um café ou qualquer coisa. O teu pai toma sempre chá no país de cima, mas, se queres a minha opinião, acho que eles ainda não aperfeiçoaram a reação à cafeína...

A Tamera fala mais para si mesma enquanto se afasta pelo corredor, descendo as escadas para a cozinha. Nos meus dias de reset, ela não vai para o país de cima até eu voltar. Espera comigo, a cirandar numa casa murcha, sem muito para fazer. Confesso que acho que ela está impaciente para voltar ao apartamento em Melnova, onde tem uma lista fixa de tarefas: comprar ingredientes para cozinhar, limpar o pó dos móveis, pôr as plantas na varanda. Quando faço videochamadas com o pai, vejo sempre a Tamera ao fundo, a cozinhar, apesar de ela insistir que é tudo só píxeis. O cabelo loiro pintado e a silhueta alegre fazem-na parecer mais jovem, mas a Tamera viveu uma vida inteira antes do país de cima ser inventado há 30 anos. Fala do virtual como uma falsa realidade, um plano imitador a tentar substituir a verdadeira experiência. Por isso, usa apenas um headset da Garra e não quer uma Cápsula só para ela, para poder entrar e sair quando quiser.

O vidro da janela volta a tremer. No ecrã da televisão, o James Moore debita a história sobre a origem da NileCorp, e eu acabo por descer da alcova, repetindo o áudio dele em perfeita sincronia: «*O futuro é online. O futuro é digital*». O ícone do StrangeLoom pisca no canto — uma seta em forma de infinito a engolir-se como um ouroboros — e desligo a televisão com um gesto.

Mais 18 minutos. Caminho pelo corredor. Na casa de banho, o pequeno painel tátil para acender a luz está sempre mais longe do que me lembro, e passo a mão para a frente e para trás na parede. A minha imagem no espelho mal parece uma pessoa, ali na entrada, enevoada e cinzenta — mais uma silhueta do que um corpo, mais um fantasma do que algo sólido. Não gosto de estar no país de baixo. Não gosto das paredes brancas e vazias, do frio chão de azulejo, nem do cheiro estéril e clínico que preenche cada canto da casa, exceto a alcova, um cheiro que nunca desaparece por mais que eu tente ventilar o quarto.

A lâmpada redonda acende-se com um clarão. Com a luz, vejo-me de repente com uma nitidez cristalina no espelho, e a minha visão vacila. Tudo parece plano. Tenho de inspirar fundo. Obrigo-me a contar: *dez, nove, oito...*

Chama-se Síndrome de Wakeman. Desde que o país de cima existe, também existe esta perturbação que afeta 0,5 % das pessoas, levando-as a questionar a própria realidade. Tem o nome do Presidente Elliot Wakeman, o homem que estava no poder quando a NileCorp apresentou o StrangeLoom e começou a permitir que as pessoas fossem ao país de cima. Wakeman ia a meio do segundo mandato quando perdeu completamente o controlo e tentou lançar uma arma nuclear contra Cega. Apesar de estar no país de baixo na altura, acreditava que nada era real e que precisava de acordar de uma simulação. O país vizinho de Atahua, a oeste, escapou por pouco à aniquilação, porque o vice-presidente conseguiu acalmá-lo e interná-lo para receber apoio psiquiátrico.

Um distúrbio bastante apropriado, portanto, tendo em conta o nome — e o termo acabou por ficar.

Respira, respira.

Só contei ao pai sobre os meus sintomas, mas ele acha que estou a exagerar. Diz que não é Síndrome de Wakeman, que ando apenas sobrecarregada com a escola. Recomendou-me o seu terapeuta, para poder falar sobre os meus sentimentos — sentimentos *normais*, insiste, para alguém da minha idade e com a minha ambição. Acredita que preciso de arranjar hobbies, tentar aproveitar a vida para lá das notas. No ensino básico, estudei obsessivamente para garantir que entrava na Academia Militar de Nile e, agora que lá estou, estudo obsessivamente para ser oradora principal na cerimónia de finalistas. Claro que me tornei paranoica ao ponto de achar que não sou mais do que um aglomerado incompreensível de píxeis e código. Tudo o que conheço é o trabalho árduo para conseguir bons resultados. Quando não estou no país de cima como um avatar — quando supostamente deveria estar a relaxar como uma rapariga real —, o tempo parece turvo, e o que fiz apenas minutos antes parece ter acontecido há horas. Tenho a sensação de que o tempo deixa de existir e que, se pensar demasiado nisso, posso acidentalmente libertar-me da sua influência e perder-me num vazio flutuante.

— Lia? — A voz da Tamera chega da parte de cima das escadas.
— Qual é a tua caneca? A azul ou a verde?

— A azul — respondo. — Obrigada!

Na página oficial do meu pai, no site do governo, a secção *Sobre Mim!* apresenta-me como Lia Sullivan, embora, segundo a própria lei deles, isso não seja permitido. Houve demasiados espões infantis medanos a fingirem ser órfãos, o que significa que, embora os atahuenses nos possam acolher, amar e fazer de nós parte das suas famílias, nunca nos podemos livrar do apelido Ward — e somos obrigados a frequentar a escola militar assim que atingimos a idade mínima obrigatória. Os Wards também são responsáveis pelas próprias propinas, o que nos leva a endividar-nos com instituições que somos forçados a frequentar, e os nossos pais adotivos não podem assumir esse encargo. Alegadamente, é um mecanismo de proteção de Atahua, mas toda a gente sabe qual é o verdadeiro objetivo. Atahua também precisa de espões para a sua guerra fria, e isto garante-lhes o recurso mais precioso: rostos medanos capazes de se camuflar quando forem enviados para a nação inimiga.

Por isso, quando o pai me enviou a marcação da consulta de terapia na semana passada, recusei. Não posso arriscar que a academia suspeite que tenho Síndrome de Wakeman. Não vão querer uma cadete com uma perturbação nas forças privadas da NileCorp, e a única razão pela qual me esforço tanto na academia é para garantir a colocação mais desejada, depois da graduação. Vou ficar perto do pai, em Melnova. Não serei usada como munição nesta guerra.

Levo a mão à nuca, tocando na pequena cavidade no topo do pescoço, onde começa a linha do cabelo. Não há qualquer cicatriz. O procedimento é tão pequeno e rotineiro que a pele cicatriza na perfeição, envolvendo o chip no seu interior. Fiz este implante quando me inscrevi no sistema StrangeLoom, com 5 anos — toda a gente o faz, para permitir uma imersão total através de sinais neurais. Às vezes, gostava de ter ficado com uma cicatriz, só para ter uma pequena diferença entre o meu corpo e o meu avatar. Uma prova de que tenho pele verdadeira, que pode ser cortada.

A minha mão estremece, com uma comichão súbita, como se tivesse sido mordida por uma vaga de formigas de fogo. Cerro o punho com força quando o braço se volta ao lado do corpo.

— Juro, Lia, não sei como é que há tantas canecas nesta cozinha.

A Tamera outra vez. Enquanto ela continua a tagarelar lá em baixo, estendendo a mão para as prateleiras ao lado do lavatório da casa de banho, os dedos a percorrerem os objetos. Um dos pentes de dentes finos sobressai dos restantes, com o cabo fino, em forma de cauda, afiado na ponta.

Antes que possa pensar duas vezes, já tenho o pente numa mão, a pressionar a palma da outra. A ponta afiada enterra-se na pele, escavando paralela a uma veia e deixando uma marca funda. Depois, pressiono com mais e mais força. A mão arde-me intensamente, mas não é suficiente. Enquanto a dor for suportável, pode não passar de uma resposta sensorial virtual, fabricada para me convencer de que esta realidade gerada é real.

Corta, imploro em silêncio, a imaginar a pele a rasgar-se. *Mostra-me algo inegável.*

— Lia!

De repente, a Tamera está ao meu lado, a agarrar-me o pulso. Não resisto, mas mantenho a ponta afiada virada para baixo e, quando me afasta a mão, o pente arrasta-se com força pela palma.

Desta vez, estremeço mesmo. O pente cai ao chão, batendo nos azulejos com um som horivelmente dissonante.

Durante alguns segundos, o arranhão é apenas vermelho-vivo, uma linha saliente na pele. Depois, pequenas gotas de sangue começam a surgir à superfície, atravessando a membrana danificada. Pequenos pontos rodeiam o corte, até que o vermelho escorre lentamente, deixando cair uma gota no chão.

Não é muito, mas é alguma coisa. Significa que sou *real*. Eu sou *real*. O StrangeLoom não codifica sangue.

— O que é que te deu? — sussurra a Tamera, furiosa.

— Nada — respondo de imediato. — Nada. Só tinha comichão.

— *Comichão!* — A Tamera agarra numa toalha e enrola-a com força à volta da minha mão, para estancar a ferida. — Não precisavas de carregar tanto.

Franzo o nariz e levanto a toalha para espreitar o arranhão. Já parou de sangrar.

Sinto-me muito melhor. A tensão que se acumulava no meu peito há 24 horas encontrou, finalmente, uma saída, um furo por onde começar a aliviar a pressão.

— Estou bem, juro.

A Tamera não se deixa demover assim tão facilmente. Franze a testa, ainda a olhar para a minha mão. Não sei exatamente quando aconteceu, mas já estou uma cabeça mais alta do que ela, por isso tem de segurar o meu braço acima do nível dos olhos, para o manter elevado.

— Anda até à cozinha. Dou-te um penso.

— Já parou de sangrar. Vês? — Mostro-lhe a palma da mão. — O penso vai ficar nojento se o deixar colado durante um mês lá dentro.

— Lia.

Faço beicinho.

— Tameraaaaaa...

— Está bem, está bem — cede ela, largando-me a mão. — Vá, anda. Já passaram as 24 horas.

Voltamos ao meu quarto. Mal a Tamera entra, abre os cortinados da janela lateral, o que não muda nada na iluminação. Parece aperceber-se disso e faz uma pausa antes de os voltar a fechar parcialmente.

— Vais diretamente para a escola? — pergunta, virando-se para mim. Finjo olhar para o relógio no pulso dela.

— Estava a pensar entrar pela estação da Cidade de Button e fazer umas compras de luxo primeiro.

A Tamera lança-me um olhar sarcástico.

— Um simples *sim, vou para a escola* teria bastado.

— Desculpa. Não consigo resistir a armar-me em esperta.

Nunca falto à escola, nem sequer quando estou doente. E há zero hipóteses de perder um minuto sequer desta semana crítica, quando os resultados dos exames finais estão prestes a ser divulgados. Cada nota pode alterar o desfecho da corrida pela melhor classificação do ano. Por muito que gostasse de pensar que o título de melhor aluna está garantido, há um concorrente que nunca deixa de me respirar ao pescoço.

A Tamera empurra a tampa da Cápsula. Está instalada num canto do quarto, para que os cabos fiquem ligados à tomada na parede, o que faz

com que o conjunto pareça um sarcófago. Temos tomadas em todas as divisões, ligadas aos cabos que nos permitem aceder ao país de cima, desde que o pai continue a pagar as mensalidades associadas aos nossos logins.

— Já verifiquei a linha de nutrientes, e tens o nível certo para dois meses seguidos — informa-me a Tamera. — Mas se precisares das dez semanas completas para o estágio, de certeza que o sistema me avisa, para a substituir.

É suposto ser minha responsabilidade verificar os níveis antes de me ligar, mas a Tamera gosta de tomar conta de tudo em casa. É reconfortante. Na academia, têm enfermeiras de emergência disponíveis, caso o nível de nutrientes de alguma Cápsula baixe demasiado, mas os cadetes também podem fazer logout facilmente, andar até à sala dos nutrientes e trocar o reservatório. Só se torna mais complicado durante os estágios finais, porque, se formos infiltrados noutra país, não podemos sair até à conclusão da missão. Nesses casos, a NileCorp permite-nos falhar um dia de reset obrigatório, sabendo que vale o risco se quisermos permanecer num servidor estrangeiro. Desde que as Cápsulas estejam bem mantidas, dois meses em imersão não nos faz mal nenhum.

A Tamera resmunga, espreitando para dentro da Cápsula. Deixei a Garra em cima da almofada, em vez de a pendurar no gancho lateral, como devia. Sorrio-lhe, envergonhada, enquanto me deito lá dentro. Pelo menos não danifiquei nenhum dos elétrodos.

A Cápsula tem todo o tipo de apetrechos que a tornam adequada para estadas prolongadas. Há elétrodos que saem dos lados e se ligam às minhas pernas, aos braços e ao tronco. A NileCorp teve décadas para aperfeiçoar a sua tecnologia de estase, que aplica impulsos no corpo em intervalos certos, enquanto a mente está no país de cima, garantindo que nada atrofia no mundo real. Encaixo a agulha de nutrientes no braço.

— Confortável? — pergunta a Tamera.

Ajusto uma das pontas da Garra. A parte de trás precisa de estar alinhada com o chip na minha cabeça.

— Ai. Isto está tão apertado...

Ela estica o braço e afasta um pouco do meu cabelo, que tinha ficado preso na Garra.

— Estou pronta. Podes fechar a Cápsula. Obrigada.

A Tamera acena com a cabeça e estende a mão para me tocar brevemente no rosto.

— Diverte-te na escola. E boa sorte, caso não te veja antes do estágio.

Ela fecha a tampa. A Cápsula fica completamente escura. Suspiro de alívio, esperando que o ecrã acima de mim carregue, antes de aparecer a mensagem de início. Reconhece o meu rosto após alguns segundos, o texto no topo a mostrar: BEM-VINDA DE VOLTA, LIA. Não preciso de inserir novamente os dados de acesso — só me vai pedir a palavra-passe na próxima vez que renovar o ID de utilizador. Um mapa de Atahua e dos seus territórios ganha vida, e põe-me à disposição todas as estações de desembarque do país de cima para onde posso ir. Fiel ao seu propósito, o mapa do país de cima é idêntico a um mapa do país de baixo, cada rua e fachada de edifício replicados pelos satélites da NileCorp. Faço zoom ao Estado de Button e depois deslizo o mapa um pouco acima da Cidade de Button, cerca de 96 quilómetros a norte, até uma cidade rodeada por árvores de um vermelho vivo, com um rio a este e um castelo a flutuar à beira da água. Já fiz este processo centenas de vezes. Por esta altura, é-me tão familiar como respirar.

Toco no destino. Pressiono confirmar. A névoa dentro da Cápsula começa a soprar: uma sensação fria e anestesiante entranha-se até aos meus ossos. A Garra dá-me um pequeno choque elétrico para avisar que vai ser ativada.

UM ESTRANHO LOOP...



Os meus ombros relaxam. A respiração acalma-se. O mapa dissolve-se para dar lugar às palavras de boas-vindas do motor, a mesma frase de três linhas desde que o StrangeLoom foi lançado no mercado.

NUM STRANGELOOM...

Letra a letra, cada palavra aparece e depois desvanece-se. Quando chega à última parte, estou dentro num instante.

O FUTURO CARREGOU.





A academia tem uma estação de desembarque fora do campus para as chegadas ao país de cima, mas está deserta quando o meu avatar aparece. As estações de desembarque para escolas públicas, na cidade, estariam cheias de atividade de manhã cedo, enquanto os utilizadores diários entram, mas todos os cadetes da Academia Militar de Nile devem entrar como utilizadores mensais. Ontem, toda a gente saiu meia hora antes de mim, enquanto eu acabava alguns trabalhos de casa, o que significa que também entraram mais cedo. Estou sozinha enquanto atravesso o curto caminho até ao portão.

ACADEMIA MILITAR DE NILE, diz a placa à entrada. SEMPRE A POSTOS.

Agarro na placa ao passar, apertando o metal frio. O corte na minha palma obviamente não se copiou para o virtual, mas sinto a picada no meu avatar ainda assim. Quando largo a placa e continuo a andar, surge um pequeno pop-up no canto da minha visão:

Por favor, evite qualquer ação que possa danificar a propriedade da academia.

— Desculpa! — grito, afastando o pop-up com um gesto. Ninguém está realmente a ouvir. Os alertas são acionados automaticamente, conforme as regras que a NileCorp impôs dentro da sua propriedade. Se eu danificar a placa por acidente, esta vai ficar danificada. O StrangeLoom promete digitalizar o mundo real para criar o país de cima, mas não faz atualizações contínuas depois disso. Teriam de chamar engenheiros para restaurar a imagem, ou simplesmente arranjar uma nova placa no virtual. Ambas as soluções exigem esforço e dinheiro.

Pestanejo enquanto abro o ecrã para ver as horas. Tenho mesmo de me despachar. O campus é grande e há zonas onde tenho de andar com cuidado, porque o chão está sempre escorregadio com lama. Abro as mensagens e encontro a Rayna. Provavelmente não voltou a dormir depois de fazer login, apesar de só faltar 45 minutos para a primeira aula,

mas, como é típico nela, vai chegar em cima da hora de propósito. Envio um **OLÁÁÁÁ BOM DIA ALEGRIA!!!** para a caixa de entrada dela.

O vento sopra-me para os olhos enquanto avanço pelo caminho de gravilha, até à escola. No calendário partilhado, vejo que a primeira aula da Rayna é Matemática, enquanto eu tenho Educação Física.

— Cadete Lia! — grita o guarda do portão, o Mr. Nell, quando me vê.
— Vais perder a primeira aula se continuares a pastelar!

Acelero o passo.

— Desculpe, desculpe — resmungo. — Ainda tenho tempo para me trocar...

— Não, cadete! Apresente-se no ginásio, cadete!

A maioria dos cadetes no campus chama-lhe Mr. Yell¹ pelas costas.

— Sim, senhor! Tenha uma boa manhã, senhor!

O meu avatar recarregou com o fato de treino de ontem: as roupas que estava a usar antes de sair do sistema — ainda bem que mudei de roupa primeiro e não fui para o mundo real de pijama.

Não posso fazer nada em relação ao cabelo solto, mas pelo menos está mais curto aqui, no virtual, e é mais fácil de gerir do que com o comprimento que já ganhou no país de baixo.

Em Atahua, temos muito pouca margem para alterar a nossa aparência no país de cima. O primeiro scan acontece no centro de registo da NileCorp, quando fazemos 5 anos e recebemos as credenciais do StrangeLoom. Colocam-nos em frente às câmaras, dão-nos um ID de utilizador e depois fazem uma pequena incisão para implantar o chip que interage com a Garra. Renovamos as credenciais do StrangeLoom todos os anos — quem não tem Cápsula tem de voltar aos centros da NileCorp, e quem tem só precisa de carregar num botão. Os scans são concluídos em segundos e os nossos avatares atualizados, para aparecerem exatamente como somos no país de baixo quando nos voltamos a ligar.

Tecnicamente, não estamos sem opções. Podemos fazer extensões ou cortar o cabelo aqui em cima. Existe até uma indústria próspera de cirurgia plástica, que aprendeu a fazer alterações nos avatares através de modificações legais do código.

¹ Yell significa «grito» em inglês. [N. T.]

Entretanto, a indústria da cirurgia plástica está completamente extinta no país de cima em Medaluo. Lá, os utilizadores têm uma página de ajustes cosméticos no próprio ecrã, permitindo-lhes mudar a forma do queixo do avatar e o brilho dos dentes, dentro de certos limites. O feed debate constantemente se a personalização de avatares deveria ser permitida, discutindo o quão prejudicial pode ser para a nossa perceção de beleza as pessoas poderem alterar a sua aparência ao sabor do momento.

A mim não me incomoda que Atahua exija que os ajustes cosméticos sejam ocultados. É menos uma coisa com que tenho de me preocupar, para me poder concentrar nos estudos.

Os meus colegas aparecem ao longe, saindo do ginásio em duas filas. Estou atrasada. Já começaram a primeira corrida à volta do campus. Outro pop-up brilha no canto do meu ecrã:

Está três minutos atrasada para a primeira aula!

Acelero o passo para apanhar os outros. A última coisa de que preciso é que as minhas notas de participação baixem, em especial quando Educação Física é uma disciplina meio irrelevante aqui no país de cima. É mais sobre criar hábitos e relaxar a mente. Temos de aprender a ultrapassar o desconforto. Lutamos uns contra os outros nos tapetes, para acelerar os reflexos mentais, e depois repetimos tudo no mundo real durante os dias de reset.

Já discuti com o pai sobre o que posso estar a perder se não praticar o que aprendo. Nunca pisei o campus físico — fica demasiado longe para lá ir, estando a minha Cápsula no Estado de Haven. Tanto quanto sei, por mais que treine interminavelmente em casa, posso acabar como uma daquelas cadetes que se formam, são contratadas para missões no país de baixo e, de repente, não sabem dar um murro a sério.

Já aconteceu antes. Nas condições ideais de funcionamento, as Cápsulas foram feitas para preservar os nossos corpos reais, mas isso não significa que toda a gente ajuste corretamente os sensores; nem que possamos ganhar músculo a sério enquanto estamos no país de cima. Já li obsessivamente testemunhos de ex-cadetes que processam a NileCorp

por os despedir quando estão mais fracos do que o esperado. Já fiquei acordada à noite a pensar se isso podia acontecer comigo, mesmo que entre nas forças militares privadas. Esses processos nunca ganham. Se, quando lhes oferecem o emprego, as pessoas não são tão competentes no país de baixo quanto eram no país de cima, a culpa é delas.

O cabelo esvoaça atrás de mim à medida que ganho velocidade, as mechas a levantarem-se com o vento. Nos meus dias de reset, consigo contar até cem enquanto faço flexões. A passadeira em casa foi colocada de propósito no quarto da Tamera para podermos passar tempo juntas enquanto corro durante horas e ela tricota qualquer coisa. Tenho tido um desempenho excelente todos os meses, sem qualquer indicação de não conseguir transferir as minhas habilidades.

Sinto um arrepio percorrer-me a espinha quando me aproximo do grupo da frente. Desvio-me ligeiramente para a direita, juntando-me ao grupo de cadetes.

— Mais vale acelerares, Nat.

A Natalie Ward assusta-se. Um momento depois, o seu rosto suaviza-se quando percebe que sou eu.

— Oh, ultrapassa-me só e deixa-me sofrer em paz. Vejo-te ao almoço, sua cabra.

Rio-me, avançando. O lado leste do campus dá para o rio, onde os choupos pendem do precipício e largam punhados de folhas amarelado-esverdeadas na água. Avanço a serpentear e deslizo, com um ritmo constante que me impede de me cansar, mas que me mantém à frente de alguns colegas, e depois de mais outros quantos. As pessoas têm ritmos de resistência diferentes, mesmo no país de cima. A nossa forma física virtual depende muito dos limites que a nossa própria mente impõe. Outros cadetes já me acusaram de ter a cabeça grande, por isso talvez eu só seja competente no país de cima por pura fé e força de vontade.

O terreno do campus sobe suavemente numa colina e depois desce numa ladeira lamacenta. Mantenho os meus passos delicados, os braços levantados para me equilibrar. Conheço as pedras afiadas daqui de cor. Nenhum dos nossos instrutores nos está a supervisionar, para além das atualizações de status que o sistema envia para a academia. Ainda assim,

ninguém vai ficar para trás ou desviar-se do caminho para perder tempo. Não somos a única academia militar fora da Cidade de Button, nem somos a mais antiga ou a maior, mas somos a mais prestigiada. É preciso obter as melhores notas no exame de entrada para nos qualificarmos. A Academia Militar de Nile estabelece um padrão que todos os cadetes conhecem cada vez melhor, sempre que as telas da sala comum exibem notícias de última hora. Somos propriedade da NileCorp, e onde a NileCorp vai, a fama cai sobre nós. A própria natureza da vida, tal como a conhecemos, deve-se à NileCorp.

Escorrego na base da colina. Não deixo que isso perturbe o meu passo — recupero num instante e continuo, aproximando-me do final do perímetro. Quando sou a única a chegar junto da Treinadora Chelsea, sinto uma onda quente de realização a aconchegar-me o estômago. Consegui chegar bem à frente.

— Pensei que fosses uma cadete do Nível B — diz-me. As mãos apoiadas na cintura. — Só esperava ver alguém do Nível A daqui a dez minutos.

— Se quiser que eu faça o dobro e me junte também à corrida do Nível B, é só dizer — respondo, parando. Inspiro fundo. Os meus pulmões esforçam-se, depois estabilizam. Os extensos manuais de regulamentos da NileCorp explicam quais as ações exatas que, no país de cima, provocam determinadas reações nos nossos avatares, mas é mais fácil assumir que os engenheiros do StrangeLoom fizeram o trabalho árduo e que a lógica habitual — a que estamos habituados no país de baixo — se mantém. São meticolosos. Ao ponto de garantir que o nosso hálito cheira mal depois de uma noite a dormir no virtual — o que significa que nós, utilizadores mensais, também temos de escovar os dentes todas as manhãs.

— Metade do Nível B já regressou — diz a Treinadora —, mas se fores agora, provavelmente ainda apanhas a outra metade.

— Está bem — Faço um gesto como se me preparasse para voltar para a colina, tomando o caminho do outro grupo. Não nos cruzámos no meio, porque o Nível B corre pelo caminho principal da floresta, e não pela beira do rio, como o Nível A.

A Treinadora Chelsea revira os olhos de forma divertida e verifica o relógio. É uma das muitas pessoas que ainda compra objetos antiquados

no país de cima. Podia simplesmente piscar os olhos para abrir o ecrã e ver as horas, mas prefere levantar o braço e fazer a ação a que se habituou nos anos antes do virtual.

Ela acena para eu entrar no ginásio, onde os Níveis A e B se vão juntar para continuar a aula. Passo pelas portas exteriores, limpando os sapatos à entrada. Tenho outro par no meu cacifo, mas não sei se esta quantidade de lama justifica trocar.

As portas interiores do ginásio abrem-se de repente. O barulho é alto o suficiente para me sobressaltar, mas relaxo assim que vejo quem é. O Kieren Murray, vestido com o uniforme de aula em vez do equipamento de combate para Educação Física. Definitivamente não está nesta aula — tenho quase a certeza que agora tem Literatura Atahuana. Não que eu tenha decorado o seu horário ou coisa parecida.

— Ward — chama ele, e, apesar do sorriso, soa logo a provocação. — Andei à tua procura.

— E a que devo o prazer? — Devolvo-lhe o sorriso, demasiado doce, enquanto vou abrir o meu cacifo. Decido trocar os sapatos só para evitar falar com o Kieren e ocupar-me. Ele odeia quando as pessoas não lhe dão toda a atenção. — Já passaram 20 minutos da primeira aula.

— Pensei que talvez tivesses sentido o cheiro das pautas dos exames finais a serem afixadas e que terias levitado até ao quadro mais próximo.

O meu sorriso desvanece-se.

— O quê?

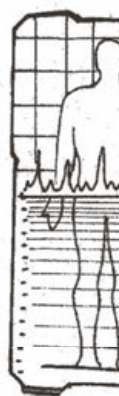
Não pode ter acontecido há mais tempo do que alguns segundos, se ainda não ouvi falar sobre isso. Típico do Kieren, dar a entender que não ando a prestar atenção. Ele e a irmã gémea, Hailey, também não usam as Cápsulas no campus, por isso, certamente que ele também só fez login pouco antes de a aula começar.

Ele aproxima-se, ameaçador.

— Fizeste?

— Fiz o quê? — exijo. Nunca parei de provocar tão depressa. Podemos continuar a discutir à nossa maneira noutro dia... *Já saíram as pautas dos exames finais?*

— Não finjas que não sabes.



— Eu *literalmente* não sei do que estás a falar.

Ah, Kieren Murray, meu querido inimigo. Tenho sido o maior incómodo na vida dele desde o verão antes do nono ano, depois de termos sido aceites na Academia Militar de Nile com base nos exames nacionais de entrada. Fizemos amizade numa festa de Orientação para Novos Cadetes, mas no dia seguinte jurámos inimizade assim que fomos sentados lado a lado num segundo exame de classificação para definir os níveis das turmas. De alguma forma, acabámos por *partilhar* o primeiro lugar porque os dois não só tivemos pontuações perfeitas, como também maximizámos os pontos bónus exatamente da mesma maneira. Foi feita uma investigação por suspeitas de batota, mas o sistema não registou nenhuma das nossas cabeças a olhar para cima, nem uma única vez. Nenhuma hipótese de batota. Pensando bem, é de admirar terem-me deixado partilhar esse lugar com ele, em vez de me empurrarem para segundo, dado que o pai do Kieren é o diretor da academia.

Desde então, quatro anos se passaram, e nada mudou. Consigo irritá-lo tanto antes dos testes que há rumores de que nós devemos andar enrolados, porque não é normal haver duas pessoas tão preocupadas em tirar melhor nota do que a outra. A Rayna está sempre a dissuadir-me de enviar uma mensagem no feed a desmentir essas afirmações. Não que importe, mas eu e o Kieren só nos beijámos uma vez. E tínhamos 13 anos, por isso não conta. Não sei se fique mais ofendida pela insinuação de que eu faria parte dessa cultura de engates ou pelo facto de precisar de mais uma razão, além de ser melhor do que ele, para provocar um aneurisma ao Kieren Murray.

— O anúncio, Ward. — O Kieren levanta os braços no ar. — Isto é inédito!

O pai pode pensar que trabalhar demais é o que alimenta a minha ansiedade e desrealização, mas ser a melhor é o que me faz sentir verdadeiramente viva. Consequentemente, o Kieren tanto pode ser o meu maior rival, como também a minha maior fonte de alegria.

Claro que guardo isso para mim.

Com cuidado, enterro um dedo no peito dele, tentando afastá-lo.

— Consegues acalmar-te um bocado? Se alguém sair agora, esses rumores vão espalhar-se que nem fogo.

NUM MUNDO À BEIRA DO COLAPSO,
A HUMANIDADE ESTÁ DIVIDIDA EM DOIS
PLANOS DA REALIDADE: O **PAÍS DE CIMA**,
UM MUNDO VIRTUAL CINTILANTE E O
PAÍS DE BAIXO, DESTRUÍDO E EM RUÍNAS.

Quando **Eirale**, agente militar no país de baixo, é incriminada por **Nik**, o anarquista mais procurado do mundo, só lhe resta uma escolha: cooperar ou ser condenada por traição. Ao mesmo tempo, **Lia**, recém-formada na Academia Militar do país de cima, aceita uma missão de alto risco ao lado do seu maior rival, **Kieren**. O que nenhuma delas sabe é que estão prestes a salvar o mundo... ou a condená-lo.

À MEDIDA QUE SE APROXIMAM DA VERDADE,
EIRALE E LIA ENTRAM NUMA ROTA
DE COLISÃO DEVASTADORA.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-589-479-6



9 789895 894796

